

F. PONCE DE LEÓN
Organizador

POESIA
CONTRA A
GUERRA

*Uma compilação de poesia em
língua portuguesa, da era dos
trovadores aos primórdios do
modernismo.*

EDIÇÃO DO AUTOR
Viçosa | Minas Gerais | 2015

[Página 2. Dedicatória & Expediente.]
[*Deliberadamente suprimida deste material de amostra.*]

Sumário

Duas palavras	5
PARTE I. Autores nascidos antes de 1501	7
João Soares de Paiva; Dom Sancho I; Pai Soares de Taveirós; Afonso X; Martim Codax; Dom Dinis I; João Zorro; João Roiz de Castel-Branco; Gil Vicente; Sá de Miranda.	
PARTE II. Autores nascidos entre 1501 e 1800	18
Luís de Camões; António Ferreira; José de Anchieta; Bento Teixeira; Francisco Rodrigues Lobo; Bernardo Vieira Ravasco; Gregório de Matos; Manuel Botelho de Oliveira; Tomás Pinto Brandão; Manuel de Santa Maria Itaparica; Santa Rita Durão; Correia Garção; Cláudio Manuel da Costa; Caldas Barbosa; Basílio da Gama; Alvarenga Peixoto; Tomás Antônio Gonzaga; Silva Alvarenga; Sousa Caldas; José Elói Ottoni; Bocage; Tenreiro Aranha; Domingos Borges de Barros; Almeida Garrett.	
PARTE III. Autores nascidos após 1800	52
Correia de Almeida; Gonçalves Dias; Francisco Otaviano; Bernardo Guimarães; Laurindo Rabelo; Álvares de Azevedo; Junqueira Freire; Sousândrade; Luís Delfino; Rosália de Castro; Casimiro de Abreu; Tobias Barreto; Machado de Assis; Fagundes Varela; Antero de Quental; Castro Alves; Guerra Junqueiro; Teófilo Dias; Cesário Verde; Fontoura Xavier; Alberto de Oliveira; B. Lopes; Augusto de Lima; Raimundo Correia; Carvalho Júnior; Cruz e Sousa; Luís Murat; Alberto Torres; Olavo Bilac; Emiliano Pernetá; Euclides da Cunha; Vicente de Carvalho; Emílio de Meneses; Guimarães Passos; António Nobre; Mário Pederneiras; Medeiros e Albuquerque; Camilo Pessanha; Eugénio de Castro; Alphonsus de Guimaraens; Francisca Júlia; Bel-	

miro Braga; Faria Neves Sobrinho; Ângelo de Lima; Silveira Neto; Augusto Gil; Amadeu Amaral; Auta de Souza; Maranhão Sobrinho; Gustavo Teixeira; Goulart de Andrade; José Albano; Augusto dos Anjos; Pedro Kilkerry; Humberto de Campos; Fernando Pessoa; Hermes Fontes; Mário de Sá-Carneiro; Eduardo Guimaraens; Paulo Setúbal; Ronald de Carvalho; Florbela Espanca; Alceu Wamosy; Raul de Leoni; Maria Anna Acciaioli Tamagnini; Ascânio Lopes.

Apêndice	147
Glossário	149
Bibliografia	154
Lista de autores & outros registros	158

Duas palavras

O blogue *Poesia contra a guerra* foi ao ar pela primeira vez em 12/10/2006. Desde então, foram ao ar mais de duas mil postagens, a maioria reproduzindo poemas, sobretudo em português. Apesar do nome, o objetivo nunca se restringiu a publicar textos *de* ou *sobre* guerras. A rigor, tenho recorrido a uma ampla variedade de material literário – ‘poesia’, em sentido amplo. Este livro – em comemoração ao aniversário de 9 anos – traz uma amostra desse universo.

Critérios. A regra de ouro do blogue sempre foi a de publicar apenas e tão somente textos (poemas, trechos de artigos etc.) extraídos de alguma obra que eu tivesse em mãos. Trocando em miúdos, não bastava *querer* publicar esse ou aquele texto; era necessário também ter uma *testemunha material* – e.g., um livro no qual o poema (ou versos dele) estivesse presente. (As únicas exceções têm sido os textos que me são enviados pelos próprios autores.)

Na preparação desta coletânea, adotei três critérios adicionais: i) publicar apenas poemas *originalmente escritos em português* (ou em idioma afim, como o galego); ii) selecionar *um poema* de cada autor (vários autores já tiveram mais de um poema publicado); e iii) incluir apenas autores cuja obra esteja em *domínio público* (i.e, autores falecidos há mais de 70 anos).

Nem todos os autores e obras que atendiam a esses critérios foram incluídos – ficaram de fora, entre outros, Anastácio Ayres de Penhafiel; Manuel de Araújo Porto-Alegre; João Cardoso de Meneses e Souza; José Bonifácio, o Moço; Manuel Antônio de Almeida; Luís Guimarães Jr.; Artur Azevedo; Múcio Teixeira; Valentim Magalhães; Afonso Celso; Rodrigo Otávio; Felipe d’Oliveira; Moacir Piza e Juó Bananère.

Fontes. Organizar uma coletânea como esta implica em dois níveis de escolhas: os autores e os poemas. No que diz respeito aos primeiros, tive acesso a uma variedade relativamente ampla de nomes; com relação aos últimos, porém, isso nem sempre aconteceu. Basta dizer que, no âmbito dos autores aqui incluídos, dos 38 livros usados como fonte inicial, apenas 16 lidam com um autor específico, oferecendo assim uma amostra algo significativa da obra de cada um deles. Com acesso a um acervo tão restrito, não seria de estranhar que muita poesia de primeira ficasse de fora; ainda assim, no entanto, arrisco dizer que a amostra aqui reunida, além de única e, até certo ponto, representativa, inclui algumas obras-primas. Seja como for, este livro não deve ser visto como uma coletânea do tipo ‘melhores poetas’ ou ‘melhores poemas’.

Nem todas as fontes secundárias são igualmente confiáveis – às vezes, a quantidade de erros e mal-entendidos presentes é bem superior ao que poderíamos chamar de ‘acidental’ ou ‘desprezível’. Uma explicação para isso estaria no fato de elas muitas vezes deixarem as fontes primárias de lado, transcrevendo versões encontradas em outras fontes secundárias. Tentei não cometer o mesmo erro. Para isso, cotejei a versão de cada poema presente nas fontes até então usadas pelo blogue com versões encontradas em obras mais específicas, incluindo, se possível, os originais. Algumas vezes, contudo, tive de me contentar com versões presentes em trabalhos de terceiros, conforme indicado em cada caso.

Cabe ainda registrar que os poemas de autores brasileiros foram ajustados de acordo com as normas do Acordo Ortográfico de 1990. O mesmo, porém, não ocorreu com os autores estrangeiros. A rigor, mantive as tradicionais diferenças que existem dentro da comunidade lusófona, inclusive na grafia de nomes próprios – e.g., Antônio vs. António.

O organizador,
Viçosa, 30/11/2015.

PARTE I.

Autores nascidos antes de 1501.

Ora faz ost'o senhor de Navarra

João Soares de Paiva¹

Ora faz ost'o senhor de Navarra,
pois en Proenç'est el rey d'Aragon!
Non lh'a(n) medo de pico nen de marra
Tarraçona, pero vezinhos son;
nen an medo de lhis pōer bozon 5
e riir-s'-an muit'én Dura e Darra.
Mais se Deus traj'o senhor de Monçon,
ben mi cuid'eu que a cunca lhis varra!

Se lh'o bon rey varrê'-la escudela
que de Pamp'lona oïstes nomêar, 10
mal ficará aquest'-outr'en Todela
que al non á [a] que olhos alçar;
ca verrá i o bon rey sojornar
e destruir á o burgo d'Estela,
e veredes Navarros [l]azerar 15
e o senhor que os todus caudela.

Quand'el rey sal de Todela, estrêa
el essa ost'e tod'o seu poder:
ben soffren i de trabalh'e de pãa,
ca van a furt'e torna[n]-s'en correr. 20
Guarda-s'el rey, come de bon-saber,
que o non filhe luz en terra alhêa,
e onde sal, i s'ar torna jazer...
ao jantar, ou se non, aa cêa. ◀

¹ João Soares de Paiva, o Trovador (trovador português; ~1140 a ~1215). Fonte: Vasconcelos (2004). Escrito nos primeiros anos do século 13 (talvez antes), este seria o poema mais antigo que se conhece no âmbito da lírica galego-portuguesa. (Versão em português no Apêndice.)

*Non me posso pagar tanto*Afonso X⁴

Non me posso pagar tanto
 do canto
 das aves, nen de seu son,
 nen damor nen d'am[b]içon,
 nen d'armas – ca ei espanto, 5
 por quanto
 mui [mui] perigosas son –
 come d'un bon galeon,
 que m-alongu'e muit'aginha
 d'este demo da Campinha 10
 u os alacrães son.
 Ca dentro no coraçõn
 senti d'eles a espinha!

E juro, par Deus lo santo,
 que manto 15
 non tragerei nen granhon,
 nen terrei d'amor razon,
 nen d'armas – porque quebranto
 e chanto
 ven d'elas ced'a sazõn – 20
 mais tragerei un dormon,
 e irei pela marinha,
 vendend'azeit'e farinha;
 e fugirei do ponçon
 do alacran, ca eu non 25
 mi sei outra meezinha.

Nen de lançar a tav(o)lado
 pagado

⁴ Afonso X de Leão e Castela, o Sábio (Toledo ES, 1221; Sevilha ES, 1284).
 Fonte: Vasconcelos (2004). (Ver Apêndice.)

Y que me manda Cupido
 Que no goce mi amistad
 Corazón desagradecido.

25



O sol é grande, caem co'a calma as aves

Sá de Miranda¹⁰

O sol é grande, caem co'a calma as aves,
 Do tempo em tal sazão, que sói ser fria:
 Esta água que d'alto cai acordar-m'-ia?
 Do sono não, mas de cuidados graves.

Ó cousas, todas vãs, todas mudáveis!
 Qual é tal coração qu'em vós confia?
 Passam os tempos, vai dia trás dia,
 Incertos muito mais que ao vento as naves.

5

Eu vira já aqui sombras, vira flores,
 Vi tantas águas, vi tanta verdura,
 As aves todas cantavam d'amores.

10

Tudo é seco, e mudo, e de mistura,
 Também mudando-m'eu fiz d'outras cores,
 E tudo o mais renova, isto é sem cura!



¹⁰ Francisco de Sá de Miranda (Coimbra PT, 28/8/1481; Amares PT, 15/3/1558). Figueiredo (2004) foi a fonte inicial; versão de acordo com Miranda (1804).

P A R T E II.

Autores nascidos entre 1501 e 1800.

Sete anos de pastor Jacob servia

Luís de Camões¹¹

Sete anos de pastor Jacob servia
Labão, pai de Raquel, serrana bela;
Mas não servia ao pai, servia a ela,
E a ela só por prémio pretendia.

Os dias, na esperança de um só dia,
Passava, contentando-se com vê-la;
Porém o pai, usando de cautela,
Em lugar de Raquel lhe deu a Lia.

5

Vendo o triste pastor que com enganos
Assi lhe era negada a sua pastora,
Como se a não tivera merecida,

10

Começou a servir outros sete anos,
Dizendo: “Mais servira, se não fora
Para tão longo amor tão curta a vida!”

◀

¹¹ Luís Vaz de Camões (Lisboa? PT, ~1524; Lisboa PT, 10/6/1580). Figueiredo (2004) foi a fonte inicial; versão de acordo com Vasconcelos (1910).

Floresça, fale, cante, ouça-se, e viva

António Ferreira¹²

Floresça, fale, cante, ouça-se, e viva
A Portuguesa língua, e já onde for
Senhora vá de si soberba, e altiva.

Se até aqui estive baixa, e sem louvor,
Culpa é dos que a mal exercitaram: 5
Esquecimento nosso, e desamor.

Mas tu farás, que os que a mal julgaram
E ainda as estranhas línguas mais desejam,
Confessem cedo ante ela quanto erraram,

E os que depois de nós vierem, vejam 10
Quanto se trabalhou por seu proveito,
Porque eles para os outros assim sejam.

Se me enganei, se tive mau respeito
Andrade, tu o julga: mas espero
De te ser este meu desejo aceito. 15

E enquanto mais não peço, isto só quero. ◀

¹² António Ferreira (Lisboa PT, 1528; Lisboa PT, 29/11/1569). Martins (1977a) foi a fonte inicial; versão de acordo com Ferreira (1598).

Vou-me, ó bela, deitar na dura cama

Tomás Antônio Gonzaga²⁷

Vou-me, ó bela, deitar na dura cama,
De que nem sequer sou o pobre dono:
Estende sobre mim Morfeu as asas,
E vem ligeiro o sono.

Os sonhos, que rodeiam a tarimba, 5
Mil cousas vão pintar na minha ideia;
Não pintam cadafalsos, não, não pintam
Nenhuma imagem feia.

Pintam que estou bordando um teu vestido;
Que um menino com asas, cego e loiro, 10
Me enfia nas agulhas o delgado,
O brando fio de oiro.

Pintam que entrando vou na grande igreja;
Pintam que as mãos nos damos, e aqui vejo
Subir-te à branca face a cor mimosa, 15
A viva cor do pejo.

Pintam que nos conduz doirada sege
À nossa habitação; que mil amores
Desfolham sobre o leito as moles folhas
Das mais cheirosas flores. 20

Pintam que desta terra nos partimos;
Que os amigos saudosos e suspensos
Apertam nos inchados, roxos olhos
Os já molhados lenços.

²⁷ Tomás Antônio Gonzaga (Porto PT, 11/8/1744; Ilha de Moçambique MZ, 1810). Gonzaga (2000) foi a fonte inicial; versão de acordo com Gonzaga (1811), onde aparece como a lira VII da Parte II.

Mas luz não tem. – Que anjo és tu?
Em nome de quem vieste? 25
Paz ou guerra me trouxeste
De Jeová ou Belzebu?

Não respondes – e em teus braços
Com frenéticos abraços
Me tens apertado, estreito!... 30
Isto que me cai no peito
Que foi?... Lágrima? – Escaldou-me...
Queima, abrasa, ulcera... Dou-me,
Dou-me a ti, anjo maldito,
Que este ardor que me devora 35
É já fogo de precito,
Fogo eterno, que em má hora
Trouxeste de lá... De donde?
Em que mistérios se esconde
Teu fatal, estranho ser! 40
Anjo és tu ou és mulher? ◀

PARTE III.

Autores nascidos após 1800.

A dança dos partidos

Correia de Almeida³⁵

Os dois estragadíssimos partidos
ocupam a seu turno a governança,
e nós imos vivendo de esperança
de ver os nossos males combatidos.

Os quinhões são de novo repartidos, 5
toda vez que se dá qualquer mudança;
se aquele outrora encheu, este enche a pança
e os clamores do povo são latidos.

Se as velhas leis têm sido violadas, 10
estando nossas crenças abaladas,
novas leis não darão melhores normas.

Palavras eu não sei se adubam sopa,
mas a fala do trono é que não poupa
reformas e reformas e reformas. ◀

³⁵ José Joaquim Correia de Almeida (Barbacena MG, 4/9/1820; Barbacena MG, 6/4/1905). Fonte: Araújo (2007). Poema publicado em livro (*Sonetos e sonetinhos*, v. 2) em 1887.

Olhos verdes

Gonçalves Dias³⁶

*Eles verdes são:
E têm por usança,
Na cor esperança,
E nas obras não.
Cam. Rim.*

São uns olhos verdes, verdes,
Uns olhos de verde-mar,
Quando o tempo vai bonança;
Uns olhos cor de esperança,
Uns olhos por que morri; 5
 Que ai de mim!
Nem já sei qual fiquei sendo
 Depois que os vi!

Como duas esmeraldas,
Iguais na forma e na cor, 10
Têm luz mais branda e mais forte,
Diz uma – vida, outra – morte;
Uma – loucura, outra – amor.
 Mas ai de mim!
Nem já sei qual fiquei sendo 15
 Depois que os vi!

São verdes da cor do prado,
Exprimem qualquer paixão,
Tão facilmente se inflamam,
Tão meigamente derramam 20
Fogo e luz do coração;
 Mas ai de mim!

³⁶ Antônio Gonçalves Dias (Caxias MA, 10/8/1823; Guimarães MA, 3/11/1864). Dias (2003) foi a fonte inicial; versão de acordo com Dias (1851).

Roubava as ideas estrelas da poesía, 10
 Pendurando-as da pátria aos múltiples florões...

Quem não ouve o fremir dos mundos fulgurosos,
 Nos ombros carregando os versos sonoros
 Do canto secular que nos legou Camões?! ◀

Para uns negro

Rosalía de Castro⁴⁴

*Para uns negro,
 Para outros branco;
 E para todos,
 Traspoleirado.*

I.

– Se astuto s'é que sabes,
 Víngate d'as ofensas s'é que podes,
 Ô que che sirva, págalle,
 Mais a quen non che de, nunca lle dones;
 Porque á moral d'os santos 5
 Non reza sempre c'á moral d'os homes.

Esto un gallego montañés e rudo
 Farto d'humillaciós, e de rencores,
 Ô agonizar ll'aconsellaba á un fillo,
 Herdeiro d'os seus mals e de seu nome. 10

II.

– Sé inxenuo e leal sempre,
 Perdoa a quen t'ofenda
 Fay ben de cote á amigos y enemigos

⁴⁴ Rosalía de Castro de Murquía (Santiago de Compostela ES, 21/2/1837; Padrón ES, 15/7/1885). Freire (2004) foi a fonte inicial; versión de acordo com Murquía (1880). Versão em português – 'Para uns, negro' (Freire 2004) – disponível no blogue.

Mas não te arrojés, lágrima da noite,
 Nas ondas nebulosas do ocidente! 175
 Brilha e fulgura! Quando a morte fria
 Sobre mim sacudir o pó das asas,
 Escada de Jacó serão teus raios
 Por onde asinha subirá minh'alma. ◀

Entre sombras

Antero de Quental⁴⁹

Vem às vezes sentar-se ao pé de mim
 – A noite desce, desfolhando as rosas –
 Vem ter comigo, às horas duvidosas,
 Uma visão, com asas de cetim...

Pousa de leve a delicada mão 5
 – Recende aroma a noite sossegada –
 Pousa a mão compassiva e perfumada
 Sobre o meu dolorido coração...

E diz-me essa visão compadecida
 – Há suspiros no espaço vaporoso – 10
 Diz-me: Por que é que choras silencioso?
 Por que é tão erma e triste a tua vida?

Vem comigo! Embalado nos meus braços
 – Na noite funda há um silencio santo –
 N'um sonho feito só de luz e encanto 15
 Transporás a dormir esses espaços...

Porque eu habito a região distante

⁴⁹ Antero Tarquínio de Quental (Ponta Delgada PT, 18/4/1842; Ponta Delgada PT, 11/9/1891). Quental (2004) foi a fonte inicial; versão de acordo com Quental (1886).

Morre também, sonho erradio!
 – A morte é o último conforto...
 Que frio!

Pobres amores, sem destino,
 Soltos ao vento, e dizimados! 30
 Inda vos choro... E, como um sino,
 Meu coração dobra a finados.

E com que mágoa o sino canta,
 No ar sossegado, no ar sombrio!
 – Pálida, Vênus se levanta... 35
 Que frio! ◀

Corre mais que uma vela...

Emiliano Perneteta⁶⁴

Corre mais que uma vela, mais depressa,
 Ainda mais depressa do que o vento,
 Corre como se fosse a treva espessa
 Do tenebroso véu do esquecimento.

Eu não sei de corrida igual a essa: 5
 São anos e parece que é um momento;
 Corre, não cessa de correr, não cessa,
 Corre mais do que a luz e o pensamento...

É uma corrida doida essa corrida,
 Mais furiosa do que a própria vida, 10
 Mais veloz que as notícias infernais...

Corre mais fatalmente do que a sorte,

⁶⁴ Emiliano David Perneteta (Pinhais PR, 3/1/1866; Curitiba PR, 19/1/1921). Bosi (2013) foi a fonte inicial; versão de acordo com Perneteta (1911).

Sempre azul seja o céu! A liana filiforme
 Medre e floresça! A brisa em fruto a flor transforme!
 Venha o rijo Aquilão soprar a pulmão pleno!
 Venha a Lua banhar de luz o terrapleno!
 Venha aqui dentro o Sol e esta terra fecunde! 35
 Venha o musgo crescendo e a muralha circunde!
 Venha gemer o mar, que espumarento, esbarra
 No rochedo em que dorme o vigia da barra! ◀

Poeta fui e do áspero destino

José Albano⁸⁶

Poeta fui e do áspero destino
 Senti bem cedo a mão pesada e dura,
 Conheci mais tristeza que ventura
 E sempre andei errante e peregrino.

Vivi sujeito ao doce desatino 5
 Que tanto engana, mas tão pouco dura,
 E inda choro o rigor da sorte escura,
 Se nas dores passadas imagino.

Porém, como me agora vejo isento
 Dos sonhos que sonhava noute e dia 10
 E só com saudades, me atormento;

Entendo que não tive outra alegria
 Nem nunca outro qualquer contentamento,
 Senão de ter cantado o que sofria. ◀

⁸⁶ José d'Abreu Albano (Fortaleza CE, 12/4/1882; Montauban FR, 11/7/1923). Nejar (2011) foi a fonte inicial; versão de acordo com Albano (1918). Poema publicado em livro (*Rimas*) em 1912.

Casas de ópio

Maria Anna Acciaioli Tamagnini⁹⁹

Nos *kakimono*s, de papel pintado,
Os dragões saltam, riem as carrancas,
E entre as nuvens do fundo acobreado
Os deuses montam em cegonhas brancas.

Sobre as lacas polidas, luzidias, 5
Há figuras, marfim de alto-relevo,
Finas silhuetas de mulheres esguias,
Sorrindo aos deuses num profundo enlevo.

Na sua luz mortiça, vão ardendo 10
As lamparinas clássicas, chinesas.
Nos cachimbos o ópio vai fervendo
Ao contacto das lâmpadas acesas.

Nas esteiras, em lânguido abandono, 15
Adormecem já os fumadores.
Vencidos pelo poder fatal do sono
Esqueceram da vida os dissabores.

Corpos que pelo ópio emagrecidos 20
Se perdem nas cabaias de cetim,
Contornos vagos, rostos abatidos
Da cor da cera virgem, do marfim.

Vede-os dormir! Que imensa placidez
Nas suas faces quietas e paradas!
Mas, sonham. Através da palidez

⁹⁹ Maria Anna de Magalhães Colaço Acciaioli (Torres Vedras PT, 23/7/1900; Lisboa PT, 5/7/1933). O sobrenome ‘Tamagnini’ veio do marido. Figueiredo (2004) foi a fonte inicial; versão de acordo com Thompson (2009). Poema publicado em livro (*Flor de lótus*) em 1925.

Apêndice

p. 7. **No momento, faz hoste o senhor de Navarra** (João Soares de Paiva): No momento, faz hoste o senhor de Navarra,/pois em Provença está o rei de Aragão!/Não lhes dão medo a lança nem o marrão (de)/Tarazona, ainda que sejam vizinhos;/nem têm medo de que lhes ponham aríete/e rir-se-ão muito em Dura e Darra./Porém, se Deus trouxer o senhor [i.e., o rei de Aragão] a Monzón,/bem penso eu que (ele) lhes varra o tacho.//Se o bom rei [i.e., o rei de Aragão] lhes varrer a tigela/que de Pamplona ouviste chamar,/mal ficará este outro [i.e., o rei de Navarra] em Tudela,/que não tem (outra coisa) a que alçar os olhos;/pois verá aí o bom rei [i.e., o rei de Aragão] acampar/e (ele) destruirá até o burgo de Estela./e vereis os navarros penar/e o senhor que a todos comanda.//Quando o rei [de Navarra] sai de Tudela, ostenta/ele essa tropa e todo o seu poderio:/enfrentam então sacrifício e tormenta,/pois partem às escondidas e regressam correndo./Evita o rei, com sua esperteza,/que a luz não o apanhe em terra alheia;/e, de onde partiu, de novo volte a dormir,/ ao jantar ou ao menos à ceia! (Ver Vasconcelos 2004; Freitas 2008; ver ainda o sítio ‘Cantigas medievais galego-portuguesas’.)

p. 8. **Ai eu coitada** (Dom Sancho I): Ai eu coitada, como vivo/em grã cuidado por meu amigo/que está distante! muito me tarda/o meu amigo na Guarda!//Ai eu coitada, como vivo/em grã desejo por meu amigo/que tarda e não vejo! muito me tarda/o meu amigo na Guarda!

p. 9. **No mundo, não conheço ninguém como eu** (Pai Soares de Taveiros): No mundo, não conheço ninguém como eu/enquanto se passar comigo o que tem se passado,/pois já morro por vós e ai,/minha senhora, branca e rosada,/quereis que vos reprimine,/quando eu vos vi em saia?/ Mau dia me levantei,/que vós então eu jamais vi feia.//E, minha senhora, desde então,/tive muitos maus dias, ai,/e vós, filha de dom Pai Muniz,/bem vos parece que eu não mereça um presente?/Pois eu, minha senhora, um adorno/nunca de vós recebi, nem qualquer outra coisa,/por mais simples que seja. (Ver Vasconcelos 2004; Freitas 2008; ver ainda o sítio ‘Cantigas medievais galego-portuguesas’.)

p. 10. **Não posso gostar tanto** (Afonso X): Não posso gostar tanto/do canto/das aves, nem de seu som,/nem de amor nem de trabalho,/nem de armas/– pois tenho medo/de quão/mui perigosas são –,/como de um bom galeão,/que me leve para longe e bem depressa/desta maldita Campinha [depressão de Guadalquivir, no sul da Espanha]/onde estão os escorpiões./ Pois dentro do coração/senti deles o ferrão!//E juro, por Deus, o santo,/que manto/não terei, nem grenhas,/nem falarei mais de amor,/nem de armas – porque sofrimento/e choro/vêm delas a todo o momento –,/mas terei um barco/e irei pela costa,/vendendo azeite e farinha;/e fugirei da peçonha/do escorpião, pois eu não/conheço outro remédio.//Nem de jogar o tavolado/contente/não estou, se Deus me proteger/de hoje em diante,

nem de bafordar [praticar o bafordo]./ E andar de noite armado,/contrariar-do/o faço, e a rondar!/Pois mais ganho do mar/do que sendo cavaleiro,/ pois eu já fui marinheiro/e quero doravante evitar/de encontrar o escorpião/que me picou primeiro./E vos direi uma coisa:/o demônio/não me enganará outra vez/a ponto de me fazer pegar/em armas, pois a mim não me é isso dado./Sobre isso,/é-me inútil discutir,/porque delas [as armas] não terei (mais) de me servir./Antes, quero andar sozinho/e ir como mercador/em busca de alguma terra/onde não me possam golpear,/nem o escorpião negro nem o pintalgado.

p. 12. **Quando souberes amar, amigo** (Martim Codax). Quando souberes amar, amigo/vinde comigo ao mar de Vigo/e banhar-nos-emos nas ondas./ Quando souberes amar, amado/vinde-vos comigo ao mar levantado [alto]/e banhar-nos-emos nas ondas./Vinde comigo ao mar de Vigo/e o veremos, meu amigo,/e banhar-nos-emos nas ondas./Vinde comigo ao mar levantado [alto]/e o veremos, meu amado,/e banhar-nos-emos nas ondas.

p. 13. **Ai flores! ai flores do verde pinho** (Dom Dinis I): “Ai flores! ai flores do verde pinho,/Sabeis notícias do meu amigo?/Ai Deus! onde está?//Ai flores! ai flores do verde ramo,/Sabeis notícias do meu amado?/Ai Deus! onde está?//Sabeis notícias do meu amigo,/Aquele que não cumpriu o que tratou comigo?/Ai Deus! onde está?//Sabeis notícias do meu amado,/Aquele que não cumpriu o que me havia jurado?/Ai Deus! onde está?//“Vós perguntais pelo vosso amigo?/E eu bem vos digo que está são e vivo./Ai Deus! onde está?//Vós perguntais pelo vosso amado?/E eu bem vos digo que está vivo e são./Ai Deus! onde está?//E eu bem vos digo que está são e vivo/E estará convosco antes de findo o prazo./Ai Deus! onde está?//E eu

bem vos digo que está vivo e são/E estará convosco antes de passado o prazo./Ai Deus! onde está?”. (Ver Vasconcelos 2004, Sarmento & Tufano 2010.)

p. 14. **O rei de Portugal** (João Zorro). O rei de Portugal/barcas mandou lavar,/e irão nas barcas comigo,/minha filha e o nosso amigo./O rei português/barcas mandou fazer,/e irão nas barcas comigo,/minha filha e nosso amigo./Barcas mandou lavar/e no mar as deitar,/e irão nas barcas comigo,/minha filha e nosso amigo./Barcas mandou fazer/e no mar as arremeter,/e irão nas barcas comigo,/minha filha e nosso amigo.

*

Glossário

abrasear: esquentar; ruborizar.

absorto: absorvido.

acerbo: duro; difícil.

ad altare: *Lat.* ao altar.

adejar: bater as asas.

afitar: fitar.

afouto: afoito.

Águeda: cidade portuguesa.

airoso: gracioso; galante.

alabastro: tipo de rocha.

álacre: alegre.

alcáçar: castelo, palácio.

alcantil: rocha escarpada.

alcova: quarto.

Alentejo: região de Portugal.

alfaia: utensílio doméstico.

alfombra: tipo de tapete.

alizar: peça de madeira presa em parede.

almo: adorável, encantador.

altivo: nobre; elevado.

altivolante: que voa alto.

alvergue: albergue.

alvinitente: de alvura imaculada.

ameia: parte saliente de muralhas.

ancila: escreva, serva.

andrajo: trapo, farrapo.

aneixa: anexa.

angelizante: que angeliza.

ângelus: tipo de oração.

anguiforme: serpentiforme.

anoso: velho.

anuviado: nublado.

aprestar: aprontar; preparar.

aquilão: o vento norte.

archote: facho para iluminar.

arenga: mexerico.

argênteo: prateado.

Argos: uma constelação austral.

arquejar: arfar; arquear.

arrebol: vermelhidão no céu.

arriba: *Lus.* falésia.

asinha: depressa.

aspeito: aspecto; semblante.

áspide: víbora.

atalaia: ponto alto de onde se vigia.

aterrar: aproximar-se do litoral.

atijolado: da cor do tijolo.

atilha: fita, corda.

atroar: fazer retumbar.

atropelada: arrancada.

augúrio: presságio.

aulido: uivo.

azedume: irritação.

bacante: mulher libertina.

barbacã: fresta em muralha.

bardo: trovador, poeta.

barra: tipo de banco de areia.

betume: massa usada em embarcações.

bisso: tipo de linho.

blague: *Fr.* pilhéria.

bogari: planta de flores perfumosas.

boeira: mulher que cuida de bois.

Botaréu: logradouro em Águeda.

botica: farmácia.

boudoir: pequeno quarto.

bramar: soltar bramidos.

brenha: matagal; *Fig.* confusão.

brioso: valente; garboso.

bronco: áspero.

broslar: bordar; ornar.

brunir: polir, lustrear.

bugia: tipo de vela.

bulcão: tipo de neveiro.

bulha: ruído; gritaria.

cabaia: tipo de túnica.

Lista de autores & outros registros

- Afonso X, 10
Alberto de Oliveira, 89
Alberto Torres, 98
Alceu Wamosy, 142
Almeida Garrett, 50
Alphonsus de Guimaraens, 114
Alvarenga Peixoto, 39
Álvares de Azevedo, 59
Amadeu Amaral, 122
Ângelo de Lima, 118
Antero de Quental, 77
António Ferreira, 19
António Nobre, 105
Ascânio Lopes, 146
Augusto de Lima, 91
Augusto dos Anjos, 128
Augusto Gil, 120
Auta de Souza, 123
B. Lopes, 90
Basílio da Gama, 37
Belmiro Braga, 116
Bento Teixeira, 23
Bernardo Guimarães, 56
Bernardo Vieira Ravasco, 26
Bocage, 47
Caldas Barbosa, 36
Camilo Pessanha, 110
Carvalho Júnior, 93
Casimiro de Abreu, 68
Castro Alves, 79
Cesário Verde, 85
Cláudio Manuel da Costa, 35
Correia de Almeida, 52
Correia Garção, 33
Cruz e Sousa, 94
Dom Dinis I, 13
Dom Sancho I, 8
Domingos Borges de Barros, 49
Eduardo Guimaraens, 136
Emiliano Pernetá, 100
Emílio de Meneses, 103
Euclides da Cunha, 101
Eugénio de Castro, 113
Fagundes Varela, 72
Faria Neves Sobrinho, 117
Fernando Pessoa, 131
Florbelá Espanca, 141
Fontoura Xavier, 88
Francisca Júlia, 115
Francisco Otaviano, 55
Francisco Rodrigues Lobo, 25
Gil Vicente, 16
Gonçalves Dias, 53
Goulart de Andrade, 126
Gregório de Matos, 27
Guerra Junqueiro, 80
Guimarães Passos, 104
Gustavo Teixeira, 125
Hermes Fontes, 132
Humberto de Campos, 130
João Roiz de Castel-Branco, 15
João Soares de Paiva, 7
João Zorro, 14
José Albano, 127
José de Anchieta, 20
José Elói Ottoni, 45
Junqueira Freire, 61
Laurindo Rabelo, 58
Luís de Camões, 18
Luís Delfino, 65
Luís Murat, 96
Machado de Assis, 71
Manuel Botelho de Oliveira, 28
Manuel de Santa Maria Itaparica, 30
Maranhão Sobrinho, 124
Maria Anna Acciaioli Tamagnini, 144
Mário de Sá-Carneiro, 133
Mário Pederneiras, 108

Martim Codax, 12
 Medeiros e Albuquerque, 109
 Olavo Bilac, 99
 Pai Soares de Taveirós, 9
 Paulo Setúbal, 137
 Pedro Kilkerry, 129
 Raimundo Correia, 92
 Raul de Leoni, 143
 Ronald de Carvalho, 139
 Rosália de Castro, 66
 Sá de Miranda, 17
 Santa Rita Durão, 32
 Silva Alvarenga, 42
 Silveira Neto, 119
 Sousa Caldas, 44
 Sousândrade, 63
 Tenreiro Aranha, 48
 Teófilo Dias, 83
 Tobias Barreto, 70
 Tomás Antônio Gonzaga, 40
 Tomás Pinto Brandão, 29
 Vicente de Carvalho, 102

*

Siglas que aparecem em notas de rodapé: **AO**, Angola; **ES**, Espanha; **FR**, França; **MO**, Macau; **MZ**, Moçambique; **PT**, Portugal.

Sítios mencionados ao longo do livro: **Biblioteca Brasileira Guita & José Mindlin** (<http://www.bbm.usp.br>); **Biblioteca Nacional** (<http://memoria.bn.br>); **Cantigas medievais galego-portuguesas** (<http://cantigas.fcsh.unl.pt>); **Poesia contra a guerra** (<http://poesiacontraaguerra.blogspot.com.br>); **Poets against the war** (<http://poetsagainsthewar.org>); e **Projeto Gutenberg** (<http://www.gutenberg.org>).

Sítios não citados, mas que foram particularmente úteis na busca de origi-

nais: **Biblioteca Nacional de Portugal** (<http://www.bnportugal.pt>); e **Internet Archive** (<https://archive.org>).

*

Agradecimento | Agradeço a Roberta Dannemann (CRB 2672) pela ajuda na elaboração da ficha catalográfica.

SOBRE O LIVRO

Formato: 14 x 21 cm

Tipologia

Miolo: New Baskerville BT, Lido STF CE

Capa: New Baskerville BT, Old Standard TT

Papel

Miolo: pólen 80 g/m²

Capa: cartão supremo 250 g/m² laminação fosca

Exemplar número: _____.